

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO
HUMANA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA?**

MÍRIAM MARIA DE RUSSO GODOY

**CORUMBÁ-MS
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO HUMANA: O
QUE DIZEM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA?**

Monografia apresentada por MÍRIAM MARIA DE RUSSO GODOY, ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, como um dos requisitos para a obtenção do título de Professor de Educação Física.

Orientador (a):
PROF^a ME. HELLEN JAQUELINE MARQUES

CORUMBÁ-MS
2017

MÍRIAM MARIA DE RUSSO GODOY

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO HUMANA: O
QUE DIZEM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA?**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do título de “Licenciado em Educação Física” e aprovado em sua forma final pela banca examinadora.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Me. Hellen Jaqueline Marques
Orientador (a) – UFMS/CPAN



Prof.º Dr. Fabiano Antonio dos Santos
UFMS/CPAN



Prof.ª Dra. Cléia Renata Teixeira de Souza
UFMS/CPAN

Dedico este trabalho a minha família, em especial a minha mãe Tânia. Por ter me dado força e coragem durante a graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todas as coisas que Ele tem feito na minha vida, por ter me dado forças para prosseguir durante esse logo período da graduação.

A minha querida orientadora, Hellen. Pessoa maravilhosa e excelente professora! Agradeço por suas orientações, enfim por dedicar parte do seu tempo para corrigir todo processo deste trabalho, pois suas orientações foram essenciais para o andamento do meu estudo. Meus eternos agradecimentos.

A escola e aos professores de educação física que participaram das entrevistas deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

A minha prof^a Cléia Renata, pelas conversas e dicas para elaboração desta pesquisa nas disciplinas de TCC I e TCC II.

Agradeço a minha mãe, Tânia. Que sempre me apoiou, incentivo e acreditou que eu seria capaz de realizar esse sonho.

Ao meu namorado e amigo Victor, que tantas vezes me ajudou e incentivou nas horas mais difíceis, de estresse e desânimo. E por me mostrar que ainda existem homens cavaleiros.

A minha irmã Fernanda, que contribuiu valiosamente nesses quatro anos da graduação.

A turma 5 do curso de Educação Física da UFMS/CPAN, a melhor turma. Tenho um carinho por cada um de vocês.

Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar.
Então fazer valer a pena. Cada verso daquele poema
sobre acreditar. Não é sobre chegar no topo do
mundo e saber que venceu. É sobre escalar e sentir
que o caminho te fortaleceu.

(Ana Vilela)

RESUMO

O tema da pesquisa é a contribuição da educação infantil para a formação da criança. A educação infantil é a base para o desenvolvimento do ser humano, isto é, suporte para sua formação. Nesta etapa é formada parte da personalidade da criança, mas, para ocorrer o desenvolvimento é necessária a intervenção do professor no processo de ensino e de aprendizagem. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos como embasamento teórico a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. Realizamos uma pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas com três professores da educação física de uma escola municipal de Corumbá/MS e que atuam na educação infantil. Ao longo da pesquisa fica evidente a necessidade de um olhar especial para essa etapa de escolarização, e a grande relevância que a educação infantil tem para o processo de formação humana. Concluimos que a concepção construtivista está presente na educação infantil, no entanto, sem a devida compreensão de sua fundamentação e implicações para o desenvolvimento da criança. Os resultados demonstraram a importância de o professor ter consciência do seu papel e do que é a educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Psicologia histórico-cultural. Pedagogia histórico-crítica. Educação Física.

ABSTRACT

The research theme is the contribution of early childhood education to the formation of the child. The education of children is the basis for the development of the human being, that is, support for their formation. At this stage, part of the child's personality is formed, but for development to occur, the teacher's intervention in the teaching and learning process is necessary. For the development of this study we use as theoretical foundation historical-cultural psychology and historical-critical pedagogy. We conducted field research through semi-structured interviews with physical education teachers from a municipal school in Corumbá-MS and who work in early childhood education. Throughout the research, it is evident the need for a special look at this stage of schooling and the great relevance that early childhood education has for the process of human formation. We conclude that the constructivist conception is present in early childhood education, however, without proper understanding of its rationale and implications for child development. The results demonstrated the importance of the teacher be aware of their role and what is the childhood education.

Keywords: Childhood Education. Historical-cultural psychology. Historical-critical pedagogy. Physical Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
2. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO: CONTRAPONDO PERSPECTIVAS	13
2.1. A Educação Infantil para o construtivismo	14
2.2. A Educação Infantil na perspectiva histórico-cultural	17
3. O ENSINO E A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	23
3.1. Pedagogia histórico-crítica e o papel da escola.....	24
3.2. O conhecimento no ensino e aprendizagem na educação infantil	26
4. A EDUCAÇÃO INFANTIL NA VISÃO DO PROFESSOR	30
4.1 Concepção de educação infantil: papel da escola e do professor	30
4.2 O papel da brincadeira no desenvolvimento da criança	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA	43

INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa é a contribuição da educação infantil para a formação da criança. O interesse em pesquisar sobre esse tema surgiu das experiências vivenciadas na disciplina “Educação Física na Educação Infantil”, do curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, ofertada no 4º semestre do curso de Educação Física. No decorrer desta disciplina, através da participação em debates, leituras propostas e observação de algumas aulas realizadas em um centro de Educação Infantil na cidade de Corumbá/MS, percebi que esta etapa é de extrema importância para desenvolvimento da criança.

O desejo por esse tema foi aguçado em 2016, no decurso da disciplina Estágio Obrigatório I (Educação Infantil), na qual ficou perceptível a importância de levar para o âmbito escolar um planejamento organizado, consciente e flexível, pensando no desenvolvimento dos alunos. Durante as aulas percebemos algumas mudanças no desenvolvimento das crianças, pois, através das atividades víamos que os alunos estavam aprendendo e construindo novas reflexões e atitudes referentes ao conteúdo apresentado.

A educação infantil faz parte da educação básica, neste espaço é importante que se trabalhe com atividades que provoquem o desenvolvimento da criança, pois, segundo Pasqualini (2013, p.75), “[...] o desenvolvimento do psiquismo humano depende... Depende das mediações que lhe serão oportunizadas, depende das oportunidades de apropriação da cultura humana que lhe serão (ou não) garantidas”. Em resumo, a qualidade da educação que é oferecida à ela (criança) contribui para esse processo de formação.

Por isso, é tarefa da escola promover o potencial de desenvolvimento do aluno. O professor tem um papel fundamental na vida da criança, pois é ele quem vai mediar os conhecimentos sobre o mundo para os alunos. Neste sentido, o professor tem a possibilidade de estimular e potencializar o desenvolvimento da criança (PASQUALINI, 2013).

A educação infantil é a base para o desenvolvimento do ser humano, suporte para formação, pois é durante esse período que se constitui parte da sua personalidade do, influenciada pelo seu meio social. Diante disso, Pasqualini (2013, p.90) destaca que é “[...] tarefa da escola de educação infantil ampliar o círculo de contatos com a realidade da criança”. Visto que, o desenvolvimento infantil não acontece de forma natural, ele é marcado pelas condições sociais e pelo momento histórico em que se vive (ARCE; BALDAN, 2013).

O desenvolvimento infantil não pode ser explicado a partir das leis naturais universais. O elemento decisivo para explicar o desenvolvimento psíquico infantil é a relação criança-sociedade. As condições históricas concretas, o lugar que a criança ocupa no sistema de relações sociais, suas condições de vida e educação são determinantes para entendermos o desenvolvimento psíquico como fenômeno historicamente situado (PASQUALINI, 2013, p. 76).

O professor tem o papel de contribuir para o desenvolvimento psíquico da criança, trazer conhecimentos novos e sistematizados para o processo de ensino e aprendizagem na educação escolar. Porém, de formas acessíveis, partindo da realidade em que elas estão inseridas, considerando suas experiências e conhecimentos (PASQUALINI, 2013).

Sendo assim, esta pesquisa tem importância individual e social, porque cabe a nós, como futuros professores, sermos em parte responsáveis pela forma que a criança se desenvolve, pois, é o meio social em que a criança está inserida que influencia no seu desenvolvimento. Compreendemos que a escola não é o único lugar em que a criança se forma, no entanto, reconhecemos sua grande relevância para este processo, tendo em vista a função social da escola na sociedade em que vivemos, qual seja, transmitir os conhecimentos construídos e sistematizados historicamente pela humanidade (SAVIANI, 2009).

Além disso, esperamos que este trabalho sirva de parâmetros para futuras pesquisas sobre a educação infantil e os processos de ensino e aprendizagem, tendo em vista a relevância que a temática tem para a educação do ser humano. Tal reconhecimento tem aumentado ao longo dos anos, considerando que, “[...] ao longo da última década, a produção de pesquisa e estudos sobre educação infantil cresceu significativamente no país” (CAMPOS; FÜLLGRAF; WIGGERS, 2006, p.9).

Portanto, acreditamos que este trabalho possa contribuir para a formação acadêmica e científica na área. Pois, é essencial que as pessoas saibam a importância da educação infantil, principalmente porque essa etapa contribui para o desenvolvimento do ser humano, isto é, suporte para formação do cidadão. Já que é durante esse período que é formada parte da personalidade do indivíduo, influenciada pelo seu meio social. Diante disso, Pasqualini (2013) destaca que, é “[...] tarefa da escola de educação infantil ampliar o círculo de contatos com a realidade da criança” (p.90).

A educação infantil é uma importante fase de desenvolvimento humano. Segundo Martins e Arce (2013), este ocorre através do envolvimento entre o indivíduo-sociedade, prevendo uma ligação de contato direto como o fenômeno da realidade. Em outras palavras, as experiências que o indivíduo adquire são fundamentais para o seu desenvolvimento.

Para Bujes (2001, p.21) as mudanças que ocorrem durante a vida da criança, em especial durante a educação infantil, são importantes e algumas dessas transformações são únicas. Portanto, as experiências que o ser humano terá nesta etapa são indispensáveis e precisam ser qualificadas. A autora afirma que por esses motivos “[...] as instituições de educação infantil são indispensáveis na sociedade”.

De acordo com Mello (2007), a educação infantil é o melhor espaço para a educação do indivíduo até os 6 anos. Por isso, é primordial garantir condições para que as crianças se apropriem dos conhecimentos que são externos a elas. Neste sentido, de acordo com a perspectiva histórico cultural o ensino da educação infantil tem papel humanizador.

Segundo Saviani (2013) a educação escolar é um espaço propício para a humanização do ser humano, pois, o indivíduo não nasce ser humano ele aprende a ser humano.

Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2008, p. 13).

O professor tem um papel significativo neste processo, no entanto, é necessário que ele faça mediação dos saberes historicamente acumulados pela humanidade. Portanto, na educação infantil, estes conhecimentos carecem das intervenções de uma figura adulta. Essas intervenções são importantes porque a criança não nasce com estes conhecimentos. Conforme o autor:

O homem é, pois, um produto da educação. Portanto, é pela mediação dos adultos que num tempo surpreendente muito curto a criança se apropria das forças essenciais humanas objetivadas pela humanidade tornando-se, assim, um ser revestido das características humanas incorporada à sociedade na qual ela nasceu (SAVIANI, 2013, p.250).

Para isso, é preciso que o professor apresente um conteúdo sistematizado desde a Educação Infantil, tendo como eixo para seu trabalho conteúdos e atividades que visam um maior desenvolvimento psíquico, ou seja, “o desenvolvimento da percepção, memória, pensamento, emoção, imaginação” (PASQUALINI, 2006, p.112), para os alunos dessa fase.

Com isso perguntamos: Qual o sentido e significado da Educação Infantil para formação da criança na visão dos professores de educação física de uma escola pública do município de Corumbá/MS?

Tal problemática se faz importante e necessária para compreendermos em que medida os professores que atuam na educação infantil no município, reconhecem a seriedade desta etapa na formação da criança. Além de assumir plenamente seu trabalho pedagógico comprometido, crítico e consciente. Como um processo de desenvolvimento de funções psíquicas e relações que irão constituir a própria individualidade da criança. O que, por sua vez, interfere no modo como a mesma irá viver e agir em sociedade (PASQUALINI, 2013).

Essa pesquisa tem como objetivo geral investigar e analisar o sentido e o significado da educação infantil na formação da criança na visão de professores da educação física de uma escola pública do município de Corumbá/MS. E como objetivos específicos apresentar a importância e o significado da educação escolar na formação do ser humano, em especial para a criança de 0 a 6 anos; debater as contribuições da educação infantil para o desenvolvimento humano; discutir o papel do professor na formação da criança ao longo da educação infantil.

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizamos como fundamento teórico a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. O trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa de campo através de entrevistas semiestruturadas com três professores de educação física de uma escola municipal de Corumbá-MS. A pesquisa de campo estuda um determinado local, grupo ou comunidade, para isso o pesquisador terá que ter um contato mais próximo com o fenômeno (GIL, 2008). Em seguida, fizemos análise desse conteúdo à luz da nossa fundamentação teórica e da definição das categorias de análises elencadas a partir do levantamento dos dados das entrevistas.

Por tanto, a pesquisa foi dividida em três seções. Na primeira seção, após esta introdução, abordamos a importância da educação infantil na formação do ser humano apresentando a concepção construtivista e a psicologia histórico-cultural na educação infantil. Na segunda seção trataremos sobre o ensino e a aprendizagem na educação escolar, elencando o papel da escola de acordo com a pedagogia histórico-crítica e a importância do conhecimento no ensino e aprendizagem na educação infantil. Na terceira seção a análise de dados das entrevistas realizadas com os professores de educação infantil de um C.E.I. (Centro de Educação Infantil) do município de Corumbá/MS. Por fim, nossas considerações finais.

2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO: APRESENTANDO PERSPECTIVAS

A educação infantil deve ser o ponto de partida para o processo da educação, pois, ela assume um papel fundamental, que visa ir para além do que é ensinado no meio familiar. Busca proporcionar à criança condições para o seu desenvolvimento (KAPPEL, 2005).

Na área da educação infantil podemos destacar, dentre diversos pesquisadores que são referências para a área, dois autores, Vygotsky e Piaget. Vygotsky, criador da teoria histórico-cultural e Piaget elaborador da teoria construtivista. Veremos neste capítulo que as teorias se divergem, principalmente em relação ao desenvolvimento do ser humano.

De acordo com Klein (2005) o debate sobre as obras de Piaget na área da educação sempre é recordado o caso dele nunca ter atuado como pedagogo, muito menos trabalhou especificamente os assuntos relacionados a educação, tampouco criou um procedimento pedagógico. É importante enfatizar que seus escritos relacionados com a educação foram elaborados não apenas pelos interesses científicos, mas também pela eventualidade da sua ocupação, pois, era diretor internacional da educação da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Na metade da década de 1980, o construtivismo começou a ganhar destaque e consequentemente conquistou admiradores e a aceitação pelos educadores e estudiosos da área. Isto é, o construtivismo se instituiu em um ideário epistemológico, psicológico e pedagógico, grandemente propagado dentro prática e reflexão pedagógica na área educacional (ROSSLER, 2005). Na educação brasileira, o construtivismo teve grande repercussão por conta do movimento da Escola Nova, cuja proposta contrapõe-se à da escola tradicional¹ (FACCI, 2011).

O papel do adulto/professor na teoria construtivista é minimizado, pois a criança é considerada a protagonista do seu próprio desenvolvimento. Diferente desta concepção, a psicologia histórico-cultural defende que para haver desenvolvimento é necessário a intervenção do adulto.

As obras de Vygotsky apresentam uma relação indivíduo/sociedade, nos quais afirma que os seres humanos não possuem suas características humanas presentes desde o nascimento, e nem as adquirem através de pressões do meio externo. Tais características são obtidas quando o homem transforma o meio em que vive, buscando com isso atender suas

¹ Na escola tradicional, o professor é o detentor do conhecimento e tem o controle sobre o comportamento do aluno, já o aluno é considerado um mero receptor dos conteúdos abordados pelo professor (MIRANDA, 2005).

necessidades básicas, pois, dessa forma acaba também transformando a si mesmo (COELLHO; PISONI, 2012).

2.1 A Educação Infantil para o construtivismo

A referência fundamental do construtivismo é o pesquisador suíço Jean Piaget. O primeiro a usar a palavra construtivismo foi o próprio Piaget, para indicar questões pertinentes a epistemologia da genética (ROSSLER, 2006).

Para o construtivismo, a aprendizagem ocorre individualmente em cada sujeito, ele não reproduz sua realidade, mas cria a partir da sua própria representação. A aprendizagem é posta e deve ocorrer em ambiente realista, o próprio dia a dia do indivíduo oferece conteúdo essencial para que suceda a aprendizagem (ARCE, 2005).

De acordo com Facci (2011) a epistemologia da genética proposta por Jean Piaget dá amplo destaque aos tópicos biológicos e maturacionais do desenvolvimento do ser humano. O desenvolvimento cognitivo é compreendido como um procedimento interativo e construtivo. Por meio da relação do “[...] indivíduo com o meio sobre os objetos, o indivíduo constrói seu próprio conhecimento” (p. 123-124).

Nesta teoria o conhecimento é constituído, a partir da relação entre o sujeito e o objeto. Essa interação se processa conforme a adaptação com a realidade por intermédio das ações (FACCI, 2011). Essa adaptação se realiza em seguimento, formado por quatro estágios de desenvolvimento: sensório motor (de 0 a 2 anos), período do pensamento intuitivo (de 2 a 7 anos), operações concretas (de 7 a 12 anos) e operações proposicionais (de 12 a 17 anos). Cada estágio tem sua construção, sua particularidade, no qual a estrutura tornasse distinta dos estágios anteriores (CHIAROTTINO, 1972).

A criança/indivíduo nesta concepção é vista como um ser inteligente, criativo, autônomo, que sabe refletir e trazer soluções para os problemas que venham aparecer no seu cotidiano (ROSSLER, 2006). Mas, para que isso aconteça a escola deve proporcionar ao aluno possibilidades para alcançar o máximo desenvolvimento. Pois, a consequência do desenvolvimento é a aprendizagem (FACCI, 2011).

Segundo Rossler (2006) o construtivismo procura compreender as particularidades do universo infantil, considerando os elementos biológicos, psicológicos e sociais. Isto é, “[...] seus atributos, seus interesses, suas motivações, sua forma de pensar, sentir e aprender o mundo, suas fases, seu desenvolvimento, suas fantasias, sonhos, saberes espontâneos etc.” (p.145). No ramo da psicologia e da educação, o construtivismo demonstra grande

compreensão e admiração ao universo infantil. É uma das teorias que têm fundamentado as políticas educacionais em nosso país.

O construtivismo é a teoria que fundamenta o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI²). Este referencial é dividido em três volumes, o volume um: Introdução; volume dois intitulado: Formação Pessoal e Social; volume três denominado: Conhecimento de Mundo. O primeiro volume apresenta como instituiu a educação infantil no Brasil e no mundo. Além disso, são elencadas as concepções de criança, educar, cuidar, brincar, professor de educação infantil e instituição de educação infantil. Além disso, defini e orienta a estrutura do volume dois e três (BRASIL, 1998a).

No segundo volume, apresenta a definição da concepção de identidade e autonomia, apontando esses dois itens como um processo na construção da identidade da criança. Mostra que a aprendizagem acontece por meio da interação da criança com as outras pessoas, mas, além disso a criança utiliza de outros recursos para a construção do seu aprendizado, como a imitação, brincar (o faz de conta), oposição, linguagem e apropriação da imagem corporal. Esse volume também traz objetivos e conteúdos estabelecidos para a faixa etária de zero a três anos e de quatro a seis anos, e orientações gerais para o professor (BRASIL, 1998b).

O terceiro volume apresenta eixos temáticos referentes ao desenvolvimento do trabalho com diferentes linguagens da criança, como: “[...] Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática” (BRASIL, 1998c, p. 9). Cada um desses eixos contém indicações para organização dos conteúdos, objetivos e orientações didáticas para cada faixa etária (de zero a três anos e de quatro a seis anos) (BRASIL, 1998c).

No RCNEI a criança é concebida como um indivíduo social e histórico, além disso, o documento aponta que na educação infantil a criança tem um papel primário e professor secundário, isto é, nesta concepção, a criança constrói seu próprio conhecimento. O professor de acordo com este referencial é apenas um facilitador neste processo, no qual deverá apresentar diferentes atividades para que a criança possa desenvolver sua criatividade (BRASIL, 1998a).

Nesta perspectiva o aluno é protagonista do processo educativo, ou seja, ele é o ponto central do ensino e aprendizagem, sujeito ativo, autônomo, detentor do seu próprio conhecimento. Esse discurso pode nos levar a entender que nas outras concepções

² Na sequência do texto utilizaremos RECNEI.

pedagógicas o aluno é visto apenas com um ser que não pensa, um sujeito passivo. Como se pudesse existir um indivíduo completamente passivo (ROSSLER, 2006).

De acordo com Rossler (2006) no discurso construtivista estão presentes os conceitos de liberdade e autonomia:

1) No que diz respeito aos processos de ensino/aprendizagem, ou seja, à construção livre e autônoma dos próprios conhecimentos e à liberdade e autonomia nos processos de criar, pensar, agir, interagir, etc.; 2) No que se refere a formação de indivíduos livres e autônomos, intelectual e moralmente. Este segundo aspecto como consequência do primeiro (p.154).

O construtivismo trabalha com a questão da importância da autonomia para o progresso da socialização, com o intuito de desenvolver o intelectual da criança. É considerado conhecimento qualitativamente superior quando o indivíduo aprende espontaneamente, ao invés do conhecimento elaborado por outra pessoa para ser assimilado. A autonomia impera no discurso construtivista, é construído no aprender individual, isto é, no “aprender a aprender” que o aluno se desenvolve e pratica sua autonomia (ROSSLER, 2006).

A educação de acordo com o construtivismo tem o papel de conduzir o desenvolvimento infantil, compreendendo que esse processo só ocorrerá através da espontaneidade da criança e com a mínima interferência nesse processo (ARCE, 2013). O ensino da escola deve conduzir o aluno a “aprender a aprender”, os conteúdos precisam estar acessíveis a compreensão do aluno, os conteúdos que não estão dentro do seu conhecimento, precisam ser eliminados (ARCE, 2005).

Para os adeptos do construtivismo, a formação de professores da maneira construtivista é essencial para os melhores resultados da escola. A formação do professor é mais importante para a formação aluno do que o conhecimento que ele possa vir transmitir (ARCE, 2005).

De acordo com Facci (2011) o professor construtivista deve ter o conhecimento referente a psicologia da criança. No âmbito escolar, precisa manter-se ciente aos estágios de desenvolvimento da criança. O professor precisa oportunizar momentos para que os alunos possam construir seu conhecimento. Portanto, é o professor que deve criar situações para que o aluno aprenda, pois, é o próprio indivíduo/aluno que é o autor do seu conhecimento, construindo a partir dos conhecimentos prévios para execução da aprendizagem.

Para o construtivismo, não é papel do professor transmitir os conhecimentos científicos, mas, tornar acessível a construção da aprendizagem dos alunos, colocando situações problemas para que eles solucionem. Segundo essa concepção, primeiro a criança

constitui as estruturas operatórias do pensamento para posteriormente aprender, isto é, a aprendizagem não causa o desenvolvimento, mas o desenvolvimento provoca a aprendizagem (FACCI, 2011). Portanto, no centro de educação infantil o professor deve propor múltiplas atividades para que ao aluno desenvolva sua criatividade. (ARCE, 2013).

Em suma, na perspectiva construtivista, há supervalorização do aluno e uma desvalorização do professor e da escola (DUARTE, 1998). O professor, nesta concepção acaba se privando de exercer o papel de transmitir o conhecimento para aluno. Deste ponto da crítica que partem outras perspectivas que irão defender a transmissão do conhecimento sistematizado e historicamente acumulado pela humanidade (SAVIANI, 2008).

2.2 A Educação Infantil na perspectiva Histórico-Cultural

De acordo com Pasqualini (2011) a teoria histórico-cultural organizada por Vygotsky e colaboradores, Leontiev, Luria e Elkonin, nega a hipótese da psicologia tradicional, de que o desenvolvimento psicológico infantil se processa de forma natural, em uma sequência fixa e comum a todas crianças. Para esses autores, o desenvolvimento infantil é considerado um fato histórico não definido como universal, mas está relacionado com o espaço que a criança convive nas relações sociais (criança e sociedade), seu contexto histórico “[...] e não se desenrola de forma meramente linear, progressiva e evolutiva, mas compreende saltos qualitativos, involução e rupturas” (PASQUALINI, 2011, p. 66).

Um dos principais temas a ser analisado ao se estudar o desenvolvimento da psique infantil é o desenvolvimento da atividade da criança, pois dessa forma é possível explicar como esse tipo de desenvolvimento é formado na vida concreta da criança. Ao focar o estudo nas atividades da criança e na forma como ela age na realidade é possível determinar sua psique e sua consciência. Contudo, é preciso identificar quais são as atividades principais e de maior importância para o desenvolvimento do indivíduo, e quais são as de menor importância, pois são as atividades principais as quais o desenvolvimento psíquico depende (LEONTIEV, 1988).

Na teoria histórico-cultural, a categoria atividade é o conceito necessário para entendermos a correlação entre a criança e mundo. A atividade é que faz o vínculo entre o sujeito e o mundo (PASQUALINI, 2013). Por isso, é importante que o professor da educação infantil observe o conteúdo da atividade da criança, pois, é ele que vai agir sobre atividade do aluno e designar o desenvolvimento do seu psiquismo. Vale ressaltar que observação da atividade da criança pretende proporcionar ao professor suporte para uma intervenção

pedagógica que estimule o desenvolvimento infantil (LEONTIEV 2001 *apud* PASQUALINI, 2011).

De acordo com Pasqualini (2013) a idade cronológica da criança não define o período do desenvolvimento do psiquismo da criança, levando em consideração isso, a autora esclarece:

Ainda que não seja possível identificar fases naturais e universais, o desenvolvimento psíquico processa-se por períodos que se sucedem, ou seja, a periodização do desenvolvimento tem existência real, colocando o desafio de elaborar uma teoria capaz de captar a lógica interna desse processo de um ponto de vista histórico e dialético (p.78).

A periodização do desenvolvimento psíquico da criança foi elaborada por Daniil B. Elkonin. Abordaremos nesta pesquisa os estágios/períodos do desenvolvimento do qual transita a criança até os seis anos de idade, são eles: Primeiro ano (de 0 a ± 1 ano de idade), primeira infância (de ± 2 a ± 3 anos de idade) e Idade pré-escolar (de ± 3 a ± 6 anos de idade) (PASQUALINI, 2013).

No primeiro ano de vida a atividade guia é a comunicação com o adulto. Toda criança ao nascer requer atenção de uma figura adulta, neste período o bebê é totalmente dependente do adulto. Nos primeiros dias de vida o bebê é incapaz de fazer uma comunicação com o adulto, somente algumas expressões de incômodo, através de gritos, movimentos, risos, choros, etc. Aos poucos o bebê e o adulto vão desencadeando uma relação, no qual o adulto induz a criança a comunicação, que até então não existia nos primeiros dias de vida (PASQUALINI, 2013).

Para Pasqualini (2013) na teoria histórico-cultural a comunicação do adulto com a criança é o requisito primordial para o procedimento de humanização da criança. Assim, no primeiro ano de vida, a atividade dominante é a comunicação emocional direta com o adulto. “[...] No processo de comunicação, o adulto apresenta objetos a criança, os movimenta, estimula sua manipulação e imitação” (PASQUALINI, 2013, p. 83).

De acordo com Pasqualini (2013) no período da primeira infância, que varia dos 2 aos 3 anos de idade, a atividade objetual manipulatória é a atividade dominante e é por meio dela que o indivíduo sabe o significado social do objeto. Inicialmente a criança observa, toca, realiza qualquer ação com objeto, depois a criança se apropria do significado do objeto e realiza a ação que aprendeu com o adulto ou pelo ensino. O adulto vai mediar os objetos para criança, explicar para ela o sentido, o significado, como usar.

O papel do adulto neste processo é fundamental. Como explica Martins (2016), os objetos não são auto explicáveis, precisam da transmissão do seu significado por aqueles que já se apropriaram do objeto. Diferente do construtivismo, na psicologia histórico-cultural ao mesmo tempo que os objetos são disponibilizados para as crianças, um adulto (no caso, um professor) faz a mediação para que o indivíduo possa se apropriar da ação social do objeto (PASQUALINI, 2013).

A atividade faz de conta e a brincadeira de papéis sociais começa a nascer na atividade objetual manipulatória. Em sequência da dominação da ação do objeto, isto é, neste período a criança passa a fazer o uso livre do objeto (PASQUALINI, 2013).

Na idade pré-escolar o jogo de papéis é atividade dominante. A brincadeira de faz de conta costuma ser vista como algo próprio da criança, que a sua imaginação é o conteúdo da brincadeira, mas é o contrário, a brincadeira é responsável pela imaginação da criança. Esse período também é caracterizado pelas brincadeiras de papéis, a criança imita as ações dos adultos por meio da brincadeira. É importante lembrar que para criança, no desenvolvimento da brincadeira não importa o resultado, mas o seu processo (PASQUALINI, 2013).

Quanto mais rico for o contato do ser humano com a realidade social mais conteúdo terá sua brincadeira, porém, quanto mais reduzido for o convívio do indivíduo com a realidade social, mais restrito será o conteúdo da sua brincadeira. Por essa razão, é o papel da escola de educação infantil tornar amplo o conhecimento do aluno referente a realidade social (PASQUALINI 2013).

Através dessas atividades o ser humano se dispõe a aprender aquilo que ele ainda não sabe, diferente do construtivismo, nessa perspectiva a ação não desenvolverá espontaneamente, necessita da intervenção de um adulto. Cabe o professor da educação infantil possibilitar o desenvolvimento do indivíduo, tendo como auxílio a atividade dominante do período (PASQUALINI, 2013).

Nessa perspectiva, o professor não pode ser compreendido como um ser humano que somente incentiva e segue o desenvolvimento da criança. Diferente dessas teorias, na psicologia histórico-cultural o professor é entendido como um indivíduo que intervém intencionalmente no ensino e aprendizagem, promovendo o desenvolvimento psíquico do aluno (PASQUALINI, 2011).

Segundo Oliveira (1997, p. 26) Vygotsky empenhou-se em especial, estudar as funções psicológicas superiores. Procurou compreender os mecanismos psicológicos característicos do ser humano mais sofisticados, como a capacidade de pensar, imaginar, criar, planejar. Essas ações psicológicas de acordo com a autora tornam-se superiores

[...] na medida em que se diferencia de mecanismo mais elementares tais como ações reflexas (a sucção do seio materno, por exemplo), reações automáticas (o movimento da cabeça na direção de um som forte e repentino, por exemplo) ou processo de associação simples entre eventos (o ato de evitar o contato da mão com a chama de uma vela, por exemplo).

Nesta mesma direção, Rego (1995) aponta que as funções psicológicas superiores não são inatas do ser humano, elas se manifestam a partir das relações entre os indivíduos e se desenvolvem no decorrer da internalização da cultura. Diferente dos processos psicológicos elementares (típicos das crianças pequenas e animais) que são de origem biológica.

Oliveira (1997) destaca que para Vygotsky, a ligação entre o indivíduo e o mundo não é uma ligação direta, mas mediada. Mediação em uma explicação simples, é a intervenção de um elemento mediador em um elo intermediário, essa vinculação deixa de ser sem intermediário (direta) e passa a ter mediação pelo elemento. Vygotsky denomina dois elementos de mediação, os instrumentos e os signos.

De acordo com Martins (2016), Vygotsky pontuou uma diferença entre o instrumento e o signo que não pode passar despercebido. Mesmo que esses dois elementos funcionam como intermediário, a distinção se estabelece na forma que se constitui.

Enquanto o instrumento técnico se interpõe entre a atividade do homem e o objeto externo, psicológico, o signo, se orienta em direção ao psiquismo e ao comportamento. Os primeiros transformam o objeto externo, os segundos, o próprio sujeito (MARTINS, 2016, p. 67).

O instrumento é considerado um importante elemento de mediação nas ações desenvolvidas pelos seres humanos sobre o objeto. É um elemento que está externo ao sujeito, seu papel é causar mudança no objeto. Um exemplo é a faca, um instrumento mais eficiente para cortar um determinado alimento do que a mão humana. É importante lembrar que diferente dos animais, os seres humanos produzem seus próprios instrumentos, sabem transmitir sua utilidade aos membros do seu grupo social e guardam para uso posterior. Em suma, os instrumentos têm a função de auxiliar o indivíduo nas suas atividades (OLIVEIRA, 1997).

Os signos são representações simbólicas que orientam o sujeito na tarefa que requer memória e atenção. Eles fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo e indivíduo e o psiquismo. Assim, por exemplo, a utilização de uma fita amarrada no pulso esquerdo para lembrar de fazer uma ligação, a fita representa uma informação simbólica que serve para

lembrar que o sujeito posteriormente deverá fazer uma ligação. Outros exemplos de signos são as anotações em agenda para lembrar que um compromisso, lembretes deixados na geladeira, etc. (OLIVEIRA, 1997).

Para Oliveira (1997) entre os temas principais dos trabalhos de Vygotsky estão o desenvolvimento humano e a aprendizagem. O autor utiliza a abordagem genética em suas obras com o intuito de “compreender a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos ao longo da história da espécie humana e da história individual” (OLIVEIRA 1997, p. 56).

Em relação às suas obras sobre o desenvolvimento humano, Vygotsky não formulou uma concepção estruturada, contudo, apresenta em seu trabalho dados de pesquisa e reflexões a respeito de vários aspectos do desenvolvimento. Juntamente com o desenvolvimento, os processos de aprendizagem possuem grande ênfase em seu trabalho (OLIVEIRA 1997).

De acordo com Oliveira (1997), Vygotsky tem o aprendizado como fator responsável por estimular o surgimento de processos internos de desenvolvimento humano. Dessa forma, o indivíduo só se desenvolve plenamente ao aprender coisas novas, ao estar conectado com outros indivíduos da sua espécie, pois o desenvolvimento não ocorre se não houver situações que favoreçam o aprendizado. Como exemplifica a autora:

Podemos pensar, por exemplo, num indivíduo que vive num grupo cultural isolado que não dispõe de um sistema de escrita. Se continuar isolado nesse meio cultural que desconhece a escrita, esse indivíduo jamais será alfabetizado. Isto é, só o processo de aprendizado da leitura e da escrita (desencadeado num determinado ambiente sócio-cultural onde isso seja possível) é que poderia despertar os processos de desenvolvimento internos do indivíduo que permitiriam a aquisição da leitura e da escrita (OLIVEIRA, 1997 p. 56-57).

Vygotsky (2007) propõe a existência de dois níveis de desenvolvimento infantil: desenvolvimento real e desenvolvimento potencial. O desenvolvimento real trata das habilidades e conhecimentos adquiridos pela criança, das funções mentais que já foram completamente desenvolvidas, sendo essas funções as atividades que a criança realiza sozinha, sem ajuda dos pais ou professores. O nível potencial é o patamar que a criança consegue, tem o potencial, de alcançar de acordo com seu desenvolvimento biológico e social. O que dependerá dos estímulos que ela receber. Neste sentido, Vygotsky chama a atenção para outro conceito: zona de desenvolvimento proximal.

A zona de desenvolvimento proximal proposta por Vygotsky, é uma importante concepção teórica que visa explicar a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. O

desenvolvimento proximal é tudo o que a criança somente consegue realizar ao receber ajuda de outros. O autor define a zona de desenvolvimento proximal, como:

[..] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

Sendo assim, para Vygotsky (2007, p. 98) só é possível determinar o estado de desenvolvimento mental de uma criança após saber seu nível de desenvolvimento real e a sua zona de desenvolvimento proximal, “[...] a zona proximal de hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã”. De acordo com isso, uma tarefa que nesse momento uma criança só consegue realizar com a ajuda de alguém, futuramente conseguirá realizar sozinha.

3 O ENSINO E A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A pedagogia histórico-crítica diferente de outras teorias que concebiam o processo de formação humana como um dado metafísico ou gerado por herança genética, vê o desenvolvimento do ser humano construído pelo próprio indivíduo ao longo da história. Ao construir a cultura humana (hábitos, valores, objeto, costumes, ciência etc.) constituímos a nossa humanidade (MELLO, 2007).

De acordo com Saviani (2008, p.11) com base no marxismo, o que distingue o ser humano dos demais animais é o trabalho. “E o trabalho instaura-se a partir do momento em que seu agente antecipa mentalmente a finalidade da ação. Consequentemente, o trabalho não é qualquer tipo de atividade, mas uma ação adequada a finalidades. É, pois uma ação intencional”. Para viver, o homem precisa tirar da natureza, intencionalmente, aquilo que ele necessita para sua própria sobrevivência. Ao realizar esta ação, ele introduz o procedimento de modificação da natureza, gerando um mundo humano.

Enunciar que a educação é um acontecimento característico dos indivíduos, quer confirmar que ela é uma condição para o processo de trabalho. Dessa maneira, o seguimento de produção da subsistência humana é inicialmente, a segurança a sua permanência material. Porém, o homem para criar materialmente, precisa adiantar mentalmente os propósitos das ações (SAVIANI, 2008).

Existe dois tipos de trabalho humano, o trabalho material³ e o trabalho não-material, a educação escolar se encaixa no “trabalho não-material, esse aspecto de trabalho refere-se a produção do saber, desde o saber da natureza até a produção humana. Podemos diferenciar o trabalho não material em duas modalidades, a primeira caracteriza pela separação do produto e do produtor, como por exemplo as artes e os livros. Havendo um intervalo entre o produtor e o consumidor (SAVIANI, 2008).

A segunda modalidade refere-se as atividades em que o produto não se separa do produtor, não ocorre intervalo, ou seja, é produzido e consumido ao mesmo tempo. É nessa modalidade que a educação se encaixa. Pois, o ensino/educação necessita da presença do professor e aluno, na medida que o professor ensina o aluno aprende, dessa maneira o ensino é produzido e consumido ao mesmo tempo. “Produzida pelo professor e consumida pelo aluno (SAVIANI, 2008, p.13) ”.

³ Ver em: Saviani, 2008, p. 12.

O papel primordial da escola de acordo com a teoria histórico-crítica é a transmissão do saber elaborado, o que implica dizer que a atividade da educação escolar é o ensino e aprendizagem, historicamente construído pela humanidade (MESQUITA, 2010). Essa tarefa precisa ser cumprida pela escola desde a educação infantil.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a educação infantil fica responsável por assegurar o convívio entre as crianças, e entre crianças e adultos, pois é por meio dessa interação e por meio das atividades (brincadeiras) que as crianças dão saltos evolutivos. De acordo com a perspectiva da teoria histórico-cultural podemos encontrar estudos que certificam que a brincadeira contribui para o progresso do ser humano (AQUINO, 2015).

3.1 Pedagogia histórico-crítica e o papel da escola.

De acordo com Martins (2016, p. 53) a pedagogia histórico-crítica surgiu na educação brasileira na década de 1980, elaborada pelo renomado professor, Dermeval Saviani. Suas primeiras produções foram dirigidas à educação escolar. Segundo Martins (2016, 56),

O amplo arcabouço que hoje caracteriza a pedagogia histórico-crítica tem como marcos referenciais de base as produções de Dermeval Saviani organizadas em duas grandes obras, *Escola e Democracia* e *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações*, que em suas primeiras publicações datam de 1983 e 1991, respectivamente.

Essas obras marcam as incontáveis colaborações dessa perspectiva pedagógica para a educação escolar.

Saviani defende que todos têm direito a uma educação escolar pública de qualidade. Pois, numa sociedade capitalista, de modo algum as coisas são compartilhadas ou divididas de forma igualitária, por consequência dessa realidade, a escola de acordo com essa teoria deve possibilitar/oferecer a todos, em especial aos filhos de pais da classe trabalhadora, aquilo que “[...] há de historicamente mais desenvolvido no âmbito dos conhecimentos filosóficos, artísticos e científicos” (MARTINS, 2016, p. 53-54).

Nesta mesma direção, de acordo com Marsiglia (2011) toda criança tem o direito a uma educação infantil de qualidade, que assegure aos indivíduos a apropriação da cultura. Para isso a educação formal deve possibilitar a intervenção para que estes alunos possam se desenvolver. Dessa forma, a educação estará colaborando para o processo de humanização dos indivíduos.

A escola é um espaço social, e a sua função é proporcionar o acesso ao conhecimento estruturado daquilo que já foi elaborado pela humanidade, que é indispensável para a atual geração, possibilitando o desenvolvimento a começar daquilo que já foi produzido historicamente (MARSIGLIA, 2011). A educação infantil deve ser o lugar próprio para a educação da criança. Neste espaço pode-se garantir a humanização desses sujeitos.

A educação escolar pressupõe constituir-se em determinação intencional, organizada e prolongada para o desenvolvimento de funções psicológicas. Logo, a vinculação com o conhecimento sistematizado deve iniciar-se na educação infantil, observando a necessidade de transposição dos saberes para formas acessíveis à criança (ABRANTES, 2013, 160).

Como citamos acima, não estamos nos referindo a qualquer conhecimento, mas a um conhecimento historicamente sistematizado, articulado com a realidade da criança. Neste sentido, a escola tem o papel de oferecer um saber elaborado que tenha finalidade, para que o indivíduo se aproprie do conhecimento científico e da cultura erudita. Porém, isso só ocorrerá através da mediação da escola na superação do saber cotidiano, rumo ao saber sistematizado (SAVIANI, 2008).

Na linha teórica de Saviani, a escola vai trabalhar a episteme (significa ciência), isto é, o conhecimento sistematizado. A instituição escolar tem existência para proporcionar o alcance das ferramentas que viabilizem o saber sofisticado (ciência). Cabe a escola organizar suas atividades com base nesse assunto (SAVIANI, 2008).

Em suma, compete a escola identificar os elementos culturais que devem ser assimilados para humanização dos indivíduos e o modo mais cabível para chegar a esse objetivo. Refere-se a distinguir entre o principal e secundário, isto é, aquilo que é fundamental, como por exemplo a noção de clássico. O clássico dá origem e suporte para os demais conhecimentos. O clássico não significa que seja tradicional, mas, significa que não se perdeu com o passar do tempo. Assim, a escola deve incluir no currículo os conhecimentos clássicos (SAVIANI, 2008).

O currículo de acordo com a pedagogia histórico-crítica são as atividades da escola de forma organizada. No entanto, Saviani (2008) enfatiza a forma precária como o currículo é visto e desenvolvido na escola, pois a maior parte das atividades da escola está voltada para as datas comemorativas que acontecem anualmente. A escola destinou seu tempo para elaboração das comemorações e pouco tempo foi reservado para o planejamento da transmissão dos conhecimentos sistematizados. Ou seja, a escola perdeu seu objetivo de ter o currículo voltado para transmissão das ferramentas ao saber elaborado. O “clássico” na escola

é o saber sistematizado, o currículo deve estar embasado neste conhecimento (SAVIANI, 2008).

Na escola o aluno tem acesso ao saber que não serão oferecidos fora dela, é nela que se realiza a passagem do saber do cotidiano ao saber sistematizado. Pois, só dominando o que os dominadores dominam é que vamos nos emancipar (SAVIANI, 2008).

3.2 O conhecimento no ensino e aprendizagem na educação infantil

De acordo com Hai (2016) quando nos referimos ao ensino como dirigente do trabalho na educação infantil, nota-se um estranhamento no olhar de muitos professores e rejeição por parte de outros, por achar que o ensino nesta etapa da escolarização põe um fim a infância. Abordar sobre ensino na educação infantil ainda é algo não compreendido, pois, é visto como um espaço que impera o aprendizado individualizado, no qual a criança aprende sem intervenção pedagógica.

Para romper com esse preconceito na área do trabalho pedagógico é preciso primeiramente entender o significado de aprender e ensinar para as crianças de 0 a 6 anos. Sendo assim, aprender possui uma ligação de dependência com o interagir. A interação se configura pelo ensinar, que pode acontecer de maneira direta ou não intencional no caso dos adultos que educam e cuidam a criança. Em contrapartida, na educação infantil sua característica deve ser apontada pelo ato intencional, planejado e organizado pelo professor que similarmente educam e cuidam a mesma criança (HAI, 2016).

O trabalho educativo, segundo Duarte (1998), tem objetivo, é direto e intencional. É direto em dois aspectos: primeiro refere-se a relação entre o aluno e professor; segundo trata-se da intencionalidade do trabalho educativo no processo de humanização do homem.

Portanto, “[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens” (SAVIANI, 2008, p.13). Cabe o educador identificar os elementos culturais para ser apropriado pelo homem para humanização do indivíduo.

É importante destacar o papel do professor e de sua interação com a criança, pois, é a fundamental fonte de desenvolvimento do indivíduo menor de seis anos (ARCE, 2013). De acordo com Hai (2016) é a interação que atribui significado a brincadeira, visto que a brincadeira como fomentador do desenvolvimento da criança não se realiza sem essa relação, precisa ensinar a brincar. Desse modo, a brincadeira não é algo natural ou próprio da criança. “Diretamente ou indiretamente, intencionalmente ou não, o adulto está ensinando a criança a

brincar. Assim, quando pensamos em interações e brincadeiras dessa forma, não é mais possível excluir o ensino” (HAI, 2016, p. 100).

Segundo Leontiev, Elkonin, Vygotsky, o brincar é uma atividade de cunho objetivo, é a maneira que o indivíduo passa a conhecer o mundo social formado por nós (ARCE; BALDAN, 2013). Vygotsky enfatiza a importância da brincadeira de faz-de-conta para o desenvolvimento do aluno, pois é a atividade principal da criança. A brincadeira possui significado, é brincando que as crianças imitam as ações dos adultos e, conseqüentemente, aprendem sobre o mundo (FELIPE, 2001).

A brincadeira em seu período mais avançado, proporciona a evolução da imaginação tão elevada aos processos criativos. No entanto, suas relações sociais devem estar bem cravado, pois, é do mundo em que a criança está inserida que provém o conteúdo da sua brincadeira (ARCE, 2013).

Nesta etapa, a brincadeira de papéis sociais é importante no processo educativo da criança. Apesar de ser o “brincar de faz de conta”, é real, porque a criança observa a atividade do adulto e a reproduz na brincadeira (ARCE; BALDAN, 2013).

A imitação ganha espaço na brincadeira, já que a criança começa a imitar aquilo que o adulto faz na tentativa de entender o mundo. Desse modo, a imitação é estimulada pelo adulto, na possibilidade de agir no mundo como o adulto age (ARCE, 2013).

Como por exemplo, podemos citar o andar a cavalo: a criança, muitas vezes, não pode montar o cavalo, como os policiais a cavalo que ela observou em sua cidade, mas, ao fazê-lo, imita a forma como viu o adulto fazer cavalgando em um cavalo real. [...] O componente imaginário encontra-se no meio utilizado pela criança para reproduzir a ação observada. Estes princípios permeiam toda a brincadeira infantil (ARCE; BALDAN, 2013, p.98).

Para Vygotsky nas brincadeiras as crianças utilizam objetos para representar uma situação concreta da sua realidade que não está presente (REGO, 1995). Como acabamos de citar acima, a criança quer cavalgar em um cavalo real como os policiais, porém não é possível, para satisfazer seu desejo ela utiliza a brincadeira para representar a situação observada. Como por exemplo, um singelo objeto como um cabo de vassoura vira um cavalo.

Como podemos perceber a brincadeira de papéis sociais contribui para o processo de formação do ser humano, pois, é por meio da observação e imitação que a criança busca reproduzir as ações dos adultos sobre o objeto, depois que ela reproduziu a ação ela passa a ter domínio sobre o mesmo (ARCE; BALDAN, 2013).

A brincadeira de papéis possibilita a criança desenvolver sua personalidade. A personalidade não se pode dar como acabada quando o indivíduo nasce, portanto, ao brincar a criança amplia a consciência de si própria, das outras pessoas e das relações definidas na sociedade (ELKONIN, 1998, *apud* ARCE; BALDAN, 2013).

Quando consideramos a brincadeira de papéis sociais como um enorme avanço em direção ao desenvolvimento da personalidade infantil, similarmente temos que nos preocupar com a qualidade dos debates formados em relação a brincadeira (ARCE; BALDAN, 2013). Cabe a nós entendermos a sua importância para o desenvolvimento na faixa etária da educação infantil.

Para Arce e Baldan (2013) a brincadeira de papéis sociais por outro lado é um instrumento pedagógico na construção de conceitos na educação infantil, o professor precisa trabalhar o conhecimento do cotidiano e o conhecimento científico. As autoras citam um exemplo apresentado por Fler (2010, *apud* ARCE; BALDAN, 2013, p. 103) referente a introdução do conceito científico:

O exemplo utilizado pela autora versa a respeito da brincadeira de fazer refeição. Limpar mesas após refeição é uma atividade do dia a dia de muitas casas, repetida, inclusive, no ambiente escolar. Esta atividade pode ser um momento para exploração da noção de área. Noção esta que envolve conceitos matemáticos utilizados em nosso cotidiano, por exemplo quando a toalha que irá sobre a mesa. Quando a criança limpa uma mesa com um pano, se não ocorrer a interação do adulto mediando a construção inicial dos conceitos científicos de área, dificilmente esta criança irá pensar a área que está limpa como algo que pode ser mensurado. A criança se limitará à imitação dos atos dos adultos quando estes limpam as mesas.

Para ensinar os conceitos científicos o professor não precisa discutir diretamente com a criança, mas precisa ter conhecimento e consciência referente a este conceito. Entender que sem a sua mediação intencional a criança não chegará ao conhecimento científico (ARCE; BALDAN, 2013). Ao assumir o papel de mediador do processo ensino e aprendizagem, o educador passa a ser orientador, desafiador, contraditor. É capaz de reunir o conhecimento cotidiano e científico de seus educandos, tendo compromisso social na elaboração dos conhecimentos científicos das atuais gerações, em busca da transformação da realidade (GASPARIN, 2011).

Segundo Arce (2013, p. 101) a brincadeira deve ser levada com seriedade, porém só compreendemos seu significado

[...] se conhecemos seus mecanismos e como ela é potencialmente geradora de desenvolvimento infantil. Para isso, devemos nos despir dos conceitos presentes no senso comum de que brincadeira é algo natural da criança, que quando brinca, a criança pauta no mundo da fantasia e etc.

Enfatizamos que o professor durante o desenvolvimento do seu trabalho pedagógico ensina, planeja, organiza, mas, além disso, ele também deve deixar a criança desempenhar o papel ativo no trabalho. Nesta perspectiva, tanto o aluno como o professor desempenham o papel ativo (HAI, 2016).

Sendo assim, o trabalho do professor na educação infantil é de suma importância para que a brincadeira aconteça de forma intencional. Pois, quando entendemos o papel da mediação do professor na brincadeira, não teremos mais lugar para o espontaneísmo, isto é, deixar a criança como responsável por seu próprio desenvolvimento por meio da brincadeira que ela se desenvolverá sozinha ou não deixar o professor intervir.

Se compreendermos que a interação com o adulto e as intermediações por ele oportunizadas são impulsionadoras dos saltos no desenvolvimento, o trabalho pedagógico adquire outro sentido. O professor passa de mero observador e condutor do progresso infantil para o sujeito que planeja e opera ativamente e intencionalmente para o avanço completo da criança (ARCE, 2013).

4. A EDUCAÇÃO INFANTIL NA VISÃO DO PROFESSOR

Conforme apresentamos na introdução deste trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas com os três professores de educação física que atuam em um C.E.I (Centro de Educação Infantil), localizado na região central do município de Corumbá/MS. A escola possui dez turmas de educação infantil, e os professores entrevistados trabalham no período da manhã e/ou no período da tarde nesta escola.

Apresentamos algumas análises e resultados encontrados a partir das categorias que elencamos através dos dados das entrevistas realizadas, com o propósito de responder a pergunta norteadora e os objetivos desta pesquisa. Veremos a seguir, a apresentação dos resultados encontrados a partir das falas dos professores entrevistados. Tais categorias foram organizadas da seguinte forma: Concepção de educação infantil: papel da escola e do professor e; o papel da brincadeira no desenvolvimento da criança.

4.1 Concepção de educação infantil: papel da escola e do professor

Nesta categoria será apresentado o papel da educação infantil e do professor na concepção dos professores de educação física entrevistados. Logo abaixo veremos um quadro no qual estão os elementos que sintetizam as falas dos professores em relação a esta categoria analisada. Para manter o anonimato dos três professores de educação física denominamos de professor A, professor B e professor C.

Professor A	Professor B	Professor B
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aspecto motor. ➤ Despreocupação com essa etapa da educação. ➤ Pensar da criança. ➤ Deixar a criança livre. ➤ Incentivar e deixar o conhecimento partir da criança. ➤ Educar a criança através do movimento. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Base para a vida da criança. ➤ Ensino fundamental. ➤ Orientar. ➤ Conhecimentos básicos. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Base de tudo. ➤ Construção da personalidade. ➤ Orientar. ➤ Transmitir conhecimentos. ➤ Conhecimentos de Construir.

Em relação ao papel da escola, o professor o professor B indica que a educação infantil é a base para a criança, como vemos no trecho a seguir: “[...] é necessário que tenha a educação infantil para que ela tenha a base para a vida dela. Para o futuro, quando chegar no fundamental”. Entretanto, o professor indica que essa base é para o ensino fundamental, ou seja, a educação infantil como uma ponte para a criança entrar na próxima etapa da educação escolar.

Assim como o professor B, o professor C entende que a educação infantil é a base, porém diz que na educação infantil a criança “[...] está construindo sua personalidade, o desenvolvimento, tudo. Por isso que digo: a educação infantil é a base de tudo, tudo, tudo, tudo, mesmo!” (Professor C). O professor C já tem um olhar para a criança e para o desenvolvimento humano na educação infantil.

O professor A não conseguiu fazer uma relação entre a educação infantil e a formação da criança para além do aspecto motor. Ele não demonstrou domínio do que seja educação infantil e a formação da criança em um aspecto mais integral, pois, o mesmo não conseguiu sistematizar a concepção de educação infantil para além do aspecto motor. O professor A ao destacar bastante o aspecto motor diz que a educação física é importante na educação infantil, relata que muitas vezes o professor não se preocupa com essa etapa da educação. Além disso, cita a importância dessa etapa em relação ao modo de pensar da criança.

Nossa, isso para mim é muito importante. Porque muita gente não dá valor para essa área, principalmente na educação física. Na educação infantil a criança vai exercitar a coordenação motora, porque hoje em dia nós estamos perdendo muito a coordenação motora da criança. Muitas vezes, ela fica fissurada jogando vídeo game, acaba não exercitando a coordenação motora. Na educação física ela vai exercitar esses movimentos. Em modo geral, envolve muito fatores da importância da educação infantil, é... sobre a movimentação, equilíbrio, locomoção e sobre o modo de pensar da criança (Professor A).

Apesar de o professor comentar sobre o modo de pensar da criança, ele não aprofundou essa questão ao longo da entrevista, porque suas explicações estavam pautadas ao aspecto motor. Isso pode nos indicar uma falta de conscientização da área da educação física, com o desenvolvimento do aspecto psicológico, pessoal e intelectual da criança, ou seja, a formação da sua visão de mundo.

Em algumas experiências ao longo de nosso processo de formação, percebemos que, às vezes, a educação física está alheia aos processos pedagógicos como um todo na escola. É como se a educação física fosse um processo a parte de todo aprendizado que a escola pode oferecer para a criança. Essa perspectiva acaba fragmentando o processo de ensino na educação escolar, sem a devida articulação entre os conhecimentos e objetivos da própria escola. Ou seja, de modo que o diálogo entre os professores seja efetivo, que haja reflexões acerca das políticas educacionais (incluindo o projeto político pedagógico da escola) e, principalmente, participação política nas decisões e enfrentamentos necessários.

Em relação ao papel do professor na educação infantil, para o professor C “[...] o professor tem o papel de orientar aquela criança. De passar nossos conhecimentos para ela. Na educação infantil nós que vamos moldar essa criança, esse aluno”. O Professor B concorda com esta visão afirmando que “[...] o professor é aquele que orienta. É um guia daquilo que ele mesmo objetiva no seu planejamento do ano letivo”.

Para o professor A o conhecimento deve partir da criança, o professor deve apenas incentivar no processo.

Assim, pra mim tem que deixar a criança livre, fazer o que quer, tanto como ler, escrever, se movimentar. Fazer o conhecimento partir dela, você só dá o início para ela fazer do jeito dela. E sempre incentivar ela, como dizer: “está certo, é isso mesmo! ”. Em decorrência do incentivo a criança vai pegando o gosto pela atividade (Professor A).

Nas falas dos professores a aproximação à perspectiva construtivista, que indica, conforme já discutimos, o ensino partindo dos interesses da criança e o professor é simplesmente um facilitador no processo, um incentivador neste caso. Segundo o professor C “[...] devemos ensinar o conhecimento de construir, para que a criança possa aprender a atividade da maneira dela”.

Essa concepção de educação infantil está pautada no entendimento de que os conhecimentos do cotidiano são suficientes para o desenvolvimento infantil. Mas, acreditamos que tal posicionamento não será o bastante para que a criança possa prosseguir para o processo de apropriação dos conhecimentos que são importantes para a sua formação humana (BARBOSA, 2013). Longe de um facilitador, como determina o construtivismo, o professor de acordo com a psicologia histórico-cultural tem atuação intencional no processo de formação do indivíduo. Por isso, é impossível pensar no papel do professor como um sujeito que apenas acompanha a criança na sua própria atividade (PASQUALINI, 2011).

Para o professor A, o professor tem o papel de “[...] educar a criança de outros tipos de formas, através do movimento, do equilíbrio. Fazer com que a criança se solte mais”. Como podemos ver, mais uma vez o aspecto motor está evidente em sua fala. Não estamos querendo dizer que trabalhar o aspecto motor não é importante, mas, quando isso passa a nortear o trabalho do professor, acaba deixando de lado os conteúdos clássicos e científicos que promovem o desenvolvimento da criança.

Os conhecimentos clássicos defendidos por Saviani (2008) são deixados de lado, dando espaço aos conhecimentos do cotidiano/espontâneos. A escola como já nos referimos no capítulo três, tem a função de oferecer ao indivíduo os conhecimentos elaborados, isto é, aquilo que a criança não aprenderá fora da escola. Cabe então à escola garantir esses conhecimentos a criança. Esses conhecimentos de acordo com Arce (2013) devem se adequar com a faixa etária da criança na qual está se trabalhando. A criança tem o direito de aprender esses conhecimentos, para isso é preciso que o professor domine esses conhecimentos para que possa transmitir para elas.

O professor B acredita que na educação infantil as crianças precisam aprender os conhecimentos básicos, como “[...] ensinar questões de higiene, relacionamento, afetividade, respeito”. Concordamos que esses conhecimentos básicos citados pelo professor precisam ser trabalhados, mas, também acreditamos que esses conhecimentos não são os conteúdos escolares sistematizados, ou seja, os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos que precisam ser ensinados na escola. As questões referentes à higiene da criança estão no âmbito do cuidar, do promover seu bem-estar físico para que a aprendizagem dos conteúdos possa ocorrer.

Em nenhum momento das entrevistas os professores trazem os conhecimentos da cultura corporal para discutir, isto é, eles não apontam em suas falas a cultura corporal que é objeto de ensino da educação física. Não apresentam os conhecimentos clássicos pertencentes à área, como, por exemplo, a dança, a ginástica, os jogos e brincadeiras (para além do aspecto motor). Assim, nos parece que os conteúdos a serem ensinados para a criança ficam muito esvaziados em suas falas.

Como podemos ver, o discurso aproxima-se das falas dos professores entrevistados, afirmando o que apresentamos nos capítulos anteriores. O professor exercendo um papel minimizado e a criança exercendo o papel primário. De acordo com Pasqualini (2011) para que a criança desenvolver é necessária a intervenção do professor (no caso da escola), porque a formação humana não acontece de forma natural. Além disso, precisamos garantir que a criança se aproprie da cultura.

4.2 O papel da brincadeira no desenvolvimento da criança

Nesta categoria abordaremos a função da brincadeira para o desenvolvimento da criança. Veremos a seguir um quadro que pontuam os elementos chaves retirados das falas dos três professores de educação física entrevistados.

Professor A	Professor B	Professor C
➤ Diversão e ludicidade.	➤ A brincadeira como forma de aprender	➤ A brincadeira como forma de aprender

De acordo com o professor A, a brincadeira está vinculada com a diversão e a ludicidade, mas não aprofunda a relação entre a brincadeira como um processo de apropriação do mundo pela criança, conforme já debatido, a brincadeira como um meio da criança aprender sobre o mundo.

Apesar de o professor falar muito da ludicidade, ele aponta objetivos que promovem o desenvolvimento da criança. Ele também evidencia que a educação física deve superar uma visão tecnicista de produtividade, isto é, realização do movimento perfeito. Como podemos ver na fala do professor:

Em forma da brincadeira ela vai aprendendo o que é direito e esquerdo, conhecimentos sobre o corpo, o inferior e superior. Na educação física o mais importante é você trabalhar a parte lúdica. Tem que ser muito lúdico, tudo o que você for fazer tem que ser lúdico. Não pode ser algo bem tecnicista, obrigar ela fazer o movimento regrado. Todas as brincadeiras que são aplicadas para a criança têm que ser lúdicas, no intuito dela conhecer o corpo, ter a noção de equilíbrio, e ela se diverte (Professor A).

O professor relata que as brincadeiras devem ser lúdicas para que a criança conheça o corpo, tenha noção de equilíbrio, isso são conhecimentos que desenvolvem a criança. Porém, o professor não demonstra domínio teórico, ou seja, não demonstra articular teoria e prática na sua fala, falta fundamentação teórica para o professor. Inclusive, para que ele consiga compreender como a prática dele tem se desenvolvido e trazer argumentações para isso. Nos parece que falta domínio teórico para o aprofundamento do que seja a brincadeira, seu

significado e contribuições para o desenvolvimento infantil em uma visão mais integral de desenvolvimento humano.

É importante que o professor tenha domínio do conteúdo a ser ensinado para a criança, não basta somente oferecer brinquedos, deixar livre ou deixar a criança em contato com outras crianças para que elas possam construir o conhecimento. Ele precisa planejar, ter consciência que não podemos negar a criança o direito ao conhecimento e ao desenvolvimento infantil integral. O professor precisa valorizar seu trabalho como professor mediador de conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos na educação infantil (ARCE, 2013).

Os professores B e C apontam que a criança aprende através da brincadeira. Como podemos ver em alguns trechos a seguir, “[...] é essencial a brincadeira, porque é brincando que a criança aprende” (Professor B). “O brincar aprendendo. Porque através da brincadeira você pode ensinar, você aprende, em si, a brincadeira é fundamental para criança” (Professor C).

Podemos identificar em nossas análises duas características: na primeira a brincadeira como diversão e ludicidade, na segunda a brincadeira como forma de aprender. Não queremos dizer que tem que ser uma ou outra, isto é, uma não exclui a outra. A criança aprende através da brincadeira e a brincadeira tem esse caráter lúdico para criança. No entanto quando a gente diz que a brincadeira é lúdica, para se divertir, temos que tomar muito cuidado para não esvaziar a brincadeira e deixar ela só como um passatempo.

Segundo Rego (1995) o brincar para Vygotsky além de proporcionar o desenvolvimento psíquico da criança também serve de ferramenta para entender o comportamento humano. Como já abordado, através da brincadeira a criança imita diversas situações realizadas pelos adultos no intuito de aprender o que o adulto sabe e a fazer o que o adulto faz.

Portanto, no contexto escolar (principalmente no período pré escolar) a brincadeira não deveria ser entendida como uma atividade secundária ou como um “mero passatempo”; das crianças. Ao contrário, deveria ser valorizada e estimulada, já que tem uma importante função pedagógica. (REGO, 1995, p. 114)

A brincadeira é o modo como a criança apreende o mundo a sua volta e se expressa. É a atividade principal na infância, pois, é o meio pelo qual a criança busca participar e compreender o mundo adulto (PASQUALINI, 2013). Assim, essa compreensão acerca da brincadeira, pautada na perspectiva histórico-cultural e na pedagogia histórico-crítica, não dissocia teoria e prática. É preciso que o professor conheça os princípios e os fundamentos da

brincadeira para agir intencionalmente na educação da criança, promovendo seu desenvolvimento amplo e significativo.

Os três professores afirmaram que adotam a concepção construtivista. O professor A afirma: “[...] Eu costumo a trabalhar com o Construtivismo”. Além disso, ele relata que o construtivismo é o aluno construir.

O construtivismo para mim é construir. A criança desenvolve as atividades em forma de movimento, porque eu não posso chegar e dizer o que eu passo para ela, ela entende rápido. Não, ela entende da forma dela, com o passar do tempo você vai modificando, construindo conforme a adaptação dela, que ela executa nas atividades passadas para ela, no limite dela (Professor A).

Por meio dos apontamentos do professor, parece que ele não domina as implicações dessa teoria para a formação da criança, não domina os fundamentos, as finalidades do que é o construtivismo. Pois, suas explicações foram reduzidas à palavra construção, sem, contudo, indicar os princípios teóricos que justificam esta concepção. Conforme já discutimos, o professor construtivista deve ter conhecimento sobre os fundamentos dessa concepção pedagógica. Porque para essa concepção é importante que o professor tenha formação de acordo com os seus princípios e fundamentos (ROSSLER, 2006).

O professor B relata gostar muito de trabalhar com “[...] a teoria do Piaget, o construtivismo. Que a criança aprende brincando, através disso que ela vai formar o mundo dela”. Já o professor C “[...] visa mais o construtivismo, o construir, o brincar. Eu vou mais pelo construtivismo mesmo, que é o brincar aprendendo”.

A ideia de que aprender brincando é construtivista está equivocada. Como preconiza Leontiev (1988) a brincadeira faz a mediação entre a criança e o mundo. Vemos que os professores trazem incoerências nas suas falas. No entanto, o que se aproxima do construtivismo é quando o professor aponta que a criança forma o seu mundo, ou seja, a ideia de que a criança tem um mundo e um conhecimento próprio. Percebemos que falta domínio da concepção pedagógica que os próprios professores afirmam adotar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos argumentos expostos ao longo da pesquisa fica evidente a necessidade de um olhar especial para essa etapa de escolarização, pois, se entendermos a grande relevância que a educação infantil tem para o processo de formação humana, poderemos superar a visão de educação centrada nos conhecimentos espontâneos. Como apontamos no início do trabalho um dos objetivos foi apresentar a importância e o significado da educação escolar na formação do ser humano, em especial para a criança de 0 a 6 anos.

Por isso, reiteramos a importância da escola na formação do ser humano ao contribuir com o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Para tanto, a relevância do papel da escola está vinculada ao objetivo de ensinar os conhecimentos clássicos e científicos para os indivíduos. Podemos dizer que a escola é um lugar privilegiado para o desenvolvimento do ser humano. Destacamos ainda, a importância do papel do professor na transmissão dos conhecimentos sistematizados por meio do seu planejamento intencional, potencializando o desenvolvimento da criança.

O caminho que percorremos para atingir os objetivos desta pesquisa, pois, tínhamos como intenção investigar e analisar o sentido e o significado da educação infantil na formação da criança na visão de professores da educação física de uma escola pública do município de Corumbá/MS, nos levou a perceber que a concepção pedagógica construtivista está muito presente nas falas dos professores. No entanto, sem domínio das categorias, dos princípios, dos fundamentos do que significa o construtivismo. Os professores não demonstram dominar teoricamente essa concepção e não há uma justificativa dessa escolha, algumas vezes contradizem a própria concepção construtivista com as falas deles.

Os resultados desta pesquisa também nos mostram a importância da formação inicial e continuada do professor para o domínio da teoria, ou seja, a relação teoria e prática. A importância de o professor ter consciência do seu papel e do que é a educação infantil. Além disso, concluímos a importância de que o professor de educação física não olhe para a escola e para criança somente a partir da especificidade da educação física, mas, que ele entenda a educação como um processo mais amplo de humanização do ser humano, que o mesmo entenda a educação como a articulação entre as diferentes áreas do conhecimento, entender que o seu papel como professor vai além da sua aula específica, mas é o conjunto dos conhecimentos escolares que vão constituir a individualidade do aluno.

Por isso, na educação física precisamos estudar a educação infantil para além das práticas das aulas, pois temos que entender a criança como todo, precisamos entender quais são as implicações psicológicas, afetivas, biológicas do desenvolvimento da criança, a questão pedagógica de modo mais amplo. Pois, o professor de educação física não é sozinho, ele é parte de um coletivo que busca uma educação para além do aspecto motor.

É a primeira vez como pesquisadora que trabalho com entrevistas, percebemos que há limites nessa pesquisa, que poderíamos aprofundar muito mais em algumas questões. Também reconhecemos que pela pesquisa ser realizada em uma escola de Corumbá/MS, poderíamos abranger outros C.E.I (Centro de Educação Infantil), mas, essas foram nossas condições objetivas. Entretanto, esses limites apontam possibilidades para outras pesquisas que possam surgir a partir desse trabalho, pois, isso é apenas um ponto inicial para que possamos discutir as concepções pedagógicas presentes e outros temas referente à nossa pesquisa nos C.E.I da cidade e nos cursos de formação de professores.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, A. A. Educação Escolar e desenvolvimento humano: A literatura no contexto da educação infantil. In: MARSIGLIA, Ana C.G. (Org) **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. p. 145-194

AQUINO, L. M. L. **Contribuições da teoria histórico-cultural para uma educação infantil como lugar das crianças e infâncias**. Disponível em:
<<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/viewFile/1353/1078>> Acesso em: 02/01/2017.

ARCE, A. O Referencial Nacional para a educação infantil e o Espontaneísmo: (re)colocando o ensino como eixo norteador do trabalho pedagógico com crianças de 4 a 6 anos. In: ARCE, Alessandra, MARTINS, L. M. **Quem tem medo de ensinar na educação infantil?**. Campinas, SP: Editora Línea, 2013.

ARCE, A; BALDAN, M. Vamos brincar de faz de conta? A brincadeira de papéis sociais e a importância da interação do professor. In: ARCE, Alessandra (org). **Interações e Brincadeiras na Educação Infantil**. Campinas: Alínea, 2013. p.93-111.

BARBOSA, E. M. Interações, aprendizagens e desenvolvimento humano em contextos escolares. In: ARCE, Alessandra (org). **Interações e Brincadeiras na Educação Infantil**. Campinas: Alínea, 2013. p.93-111.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria da Educação fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**.1998a. Brasília, DF: MEC/SEF, 3v.: il. Volume 1: Conhecimento de Mundo.

_____. Ministério da educação e do desporto. Secretaria da Educação fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**.1998b. Brasília, DF: MEC/SEF, 3v.: il. Volume 2: Formação Pessoal e Social.

_____. Ministério da educação e do desporto. Secretaria da Educação fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**.1998c. Brasília, DF: MEC/SEF, 3v.: il. Volume 3: Conhecimento de Mundo.

BUJES, M. I. E. Educação Infantil: Pra que te Quero? In: CRAYDY, Carmem. M.; KAERCHER, Gládis. E. P. S. **Educação infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAMPOS, M.. M; FÜLLGRAF, J; WIGGERS, V. **A qualidade da educação infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa.** Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742006000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 02/01/2017.

CHIROTTINO, Z. R. **Piaget**: Modelo e Estrutura. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

COELLHO, L; PISONI, S. **Vygotsky: sua teoria e influência na educação**. Revista e ped.-2012. Disponível em:
<http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-sua_teorja_e_a_influencia_na_educacao.pdf> Acesso em 15/02/2017.

DUARTE, N. **Concepções afirmativas e negativa sobre o ato de ensinar**. Cadernos CEDES, Campinas, 1998. p. 86-106.

FACCI, M. G. D. In: MARSIGLIA, A. C. G. **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. 1. Ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2011, p.122-145.

FELIPE, J. O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Socioinacionista: Piaget, Vygotsky, Wallon In: CRAYDY, Carmem. M.; KAERCHER, Gládis. E. P. S. **Educação infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Campinas: SP: Autores Associados, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação Social**. 6 ed – São Paulo

HAI, A. A. Como pensar e organizar pedagógico na educação infantil? contribuição da teoria histórico-cultural. **O trabalho pedagógico nas disciplinas escolares: contribuições a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica**. Editora Autores Associados, 2016, p.94-109.

KAPPEL, D. B. As crianças de 0 a 6 anos no contexto sociodemográfico nacional. In: KRAMMER, S. **Profissionais de educação infantil: gestão e formação**. São Paulo: Atila, 2005. p. 181 – 203.

KLEIN, L. R. Construtivismo piagetiano: considerações críticas à concepção do sujeito objeto. In: DUARTE, N. **Sobre o construtivismo: contribuições e uma análise crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 63-86.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5 ed. SP: Editora Ícone, 1988.

MARSIGLIA, A. C. G. A prática pedagógica na perspectiva histórico-crítica. In: MARSIGLIA, A. C. G. **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. 1. Ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2011, p. 101-108

MARTINS, L. M. Fundamentos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. In: PAGNONCELLI, C; MALANCHEN J; MATOS, N. S. D. (Org). **O trabalho pedagógico nas disciplinas escolares: contribuições a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica**. Editora Autores Associados, 2016, p.49- 93.

_____. Pedagogia histórico-crítica e psicologia histórico-cultural. . In: MARSIGLIA, Ana, C. G. **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. 1. Ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2011, p. 45-57.

MELLO, S. A. **Infância e humanização**: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007.

MESQUITA, A. M. Os conceitos de atividades e necessidade para a escola nova e suas implicações para formação de professores. In: MARTINS, M. L; DUARTE, N. **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.

MIRANDA, M. G. A formação de professores a ótica construtivista: Primeiras aproximações e alguns questionamentos. In: DUARTE, N. **Sobre o construtivismo: contribuições e uma análise crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 41-62.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento um processo socio-historico**. Editora Scipione, 1997.

PASQUALINI, J. C. A educação escolar da criança pequena na perspectiva histórico cultura e histórico-crítica. In: MARSIGLIA, A. C. G. **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. 1. Ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2011, p. 59-89.

PASQUALINI, J. C. Periodização do Desenvolvimento Psíquico à Luz da Escola de Vigotski: A Teoria Histórico-Cultural do Desenvolvimento Infantil e suas Implicações Pedagógicas. In: MARSIGLIA, A. C. G. (Org) **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013, p. 71-97.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico- cultural da educação**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1995.

ROSSLER, J. H. **Sedução e alienação no discurso construtivista**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 18. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras Aproximações**. 10. Ed. Campinas: SP: Autores Associados, 2008.

_____. Infância e pedagogia histórico-crítica. In: MARGIGLIA, A. C. G. **Infância e pedagogia história-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

VYGOTSKY, L .S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo, Martins fontes, 2007.

APÊNDICE A: Roteiro de Entrevista

Escola:

Nome do Professor (a):

1. Qual a sua formação? Onde e quando se formou?
2. Tem especialização na área ou outro curso na área?
3. Há quanto tempo trabalha na Rede Municipal de Ensino de Corumbá?
4. O professor é concursado?
5. Qual a carga horária nesta escola?
6. Trabalha em outra escola também?
7. Há quanto tempo trabalha na educação infantil?
8. Em sua opinião, qual a importância da Educação Infantil para a criança?
9. Que conhecimentos você acredita que precisam ser ensinados para a criança?
10. Qual o papel da brincadeira para criança?
11. O município oferece formação continuada na área de Educação Infantil?
12. Como tem sido essas formações (cursos, palestras, temas, há leituras, como é a participação dos professores)?
13. As formações contribuem para o seu trabalho como professor?
14. Você trabalha com base em alguma perspectiva/concepção teórica? Qual? Por quê?
15. Para você, qual o papel do professor na Educação Infantil?